

## V JORNADA SUL-BRASILEIRA DE CARTÉIS

Autora: Claudia Leone

Título: Um corpo para a mulher

Este trabalho trata de elaborações feitas a partir do estudo no formato de Cartel proposto pela Escola de Jacques Lacan. O cartel se propõe a trabalhar por um período de tempo pré-determinado utilizando a lógica de 3+1 ou 4+1 e, no nosso cartel optou-se por 4+1.

A partir de um interesse mútuo em alguma temática, o cartel se forma, porém há também um interesse singular, ou seja, um interesse particular de cada participante. A temática desse cartel ao qual pertencemos é o corpo e estamos trabalhando essa questão utilizando o livro de Colette Soler “O em-corpo do sujeito”.

A minha questão pessoal gira em torno do corpo e da mulher. Existe um corpo de mulher? A mulher se constitui a partir de um corpo? Essa escrita, então, é um início de produto, pois como o cartel ainda está em andamento, este trabalho ainda está em elaboração. Então, ressalto que essa escrita é passível de alterações em decorrência do avanço do estudo.

A questão que me pergunto é o que é um corpo para a psicanálise? Há um corpo? Há um corpo de mulher? Qual o lugar do corpo na posição subjetiva de ser uma mulher?

O primeiro ensino de Lacan é o corpo da imagem, aquele que é convocado no estádio do espelho e que despedaçado em suas funções encontra, na imagem do espelho, a unidade que falta ao organismo. A hipótese é que a representação da forma traria o Um que falta ao organismo prematuro e despedaçado pelo fato dessa prematuração. A prematuração encontraria uma solução no imaginário, a imagem anunciando a totalização do organismo fragmentado. Soler faz uma inversão nessa primeira lógica lacaniana propondo que no organismo vivente não há um despedaçamento, mas que este despedaçamento aconteceria justamente com o imaginário e o simbólico.

No segundo momento do ensino de Lacan, com a ascensão do simbólico, a linguagem toca o organismo, o desnatura, o modifica. Ele situava o fenômeno do espelho na borda do mundo animal e dava à imagem um valor operatório e, depois transfere esse valor operatório à linguagem, ou seja, ele se dá conta de que não é a imagem, mas a linguagem que tinha valor operatório.

O corpo no ensino de Lacan é inicialmente um corpo unificado no espelho, imaginariamente e, posteriormente, é um corpo produto da linguagem, marcado pelo simbólico. A linguagem desadapta o organismo humano em relação ao seu meio, ou seja, impõe desvios suplementares à sua adaptação. A operação da linguagem sobre o corpo passa pela fala, isto é, pelo dito e pelo escutado.

O corpo é admitido no simbólico, mas como significante. Ele é nomeado no simbólico, designado por um significante. Assim, o corpo que admitido no habitáculo da linguagem ganha um pouco de perenidade do significante, ou seja, ganha algo da eternidade, todavia, ele perde o traço do vivente. Não é uma admissão do corpo no simbólico, mas sim uma incorporação do simbólico, ou seja, o corpo pode portar a marca do Um significante, diferente de ser um significante que o ordena.

O início dessa incorporação da marca do Um é na etiquetagem no punho do recém-nascido que identifica esse corpo como um corpo e com um nome. O Um marca não vem do corpo, vem do significante, da linguagem, “símbolo impresso sobre a carne”.

O sujeito do inconsciente é o que fala com seu corpo, ele fala com a pulsão, ou seja, na pulsão que o sujeito fala com seu corpo. Há, portanto, dois campos, o campo do Outro onde surge o sujeito representado pelos significantes, e o campo da pulsão que se refere ao vivente, mas não sem ser enodado ao campo do Outro. Temos duas bordas, o lado do Outro e o lado do vivente. Do lado do vivente há pulsões parciais, libido e, do lado do Outro que o sujeito tem, de alguma maneira, seu lugar.

O ser humano tem um corpo, isso quer dizer que ele não é seu corpo, pois ele é feito sujeito pelo simbólico e assim, não se identifica com seu corpo.

“Ele pode amá-lo, admirá-lo, enfeitá-lo de todas as formas, ou seja, ele pode tratá-lo como um bem: é um capital, um corpo! Mas, em todo caso, não se identifica a este. Sem dúvida, é por isso mesmo que ele acredita que tem uma alma, que ele é uma alma” (SOLER, 2019, p. 145). Lacan tratou de precisar o que é ter um corpo e coloca “é poder fazer alguma coisa com”, dito de outro modo, é servir-se dele.

Para ter um corpo enquanto individualizado, se requer uma condição suplementar que não é genérica, ou seja, para que o sujeito tenha um corpo é preciso se servir dele pulsionalmente para um benefício além do princípio do prazer, benefício de gozo, mas também benefício no nível da subjetividade que está, em parte, vinculada à verdade própria do sujeito.

Essas considerações são um produto parcial, se assim posso nomeá-lo, pois ainda está em construção. São pequenas reflexões, iniciais sobre o corpo no ensino de Lacan, sendo norteadas pelo pensamento de Soler. Essas questões tem me atravessado na clínica, ou seja, tenho me questionado sobre como o corpo vivente atravessa a subjetividade de cada um. Parece que para alguns há uma compatibilidade de sua subjetividade com o corpo, todavia, para alguns outros não. A subjetividade de nossa época tem nos convocado a essas questões. Nascer mulher ou homem não é, como já sabemos há bastante tempo, garantia nenhuma da ascensão da feminilidade e masculinidade.

O final do ensino de Lacan propõe que o corpo não é somente imagem, é uma unidade vivente, orgânica, que precede o corpo desvitalizado pelo simbólico. No Seminário Mais, ainda (1972/1973) ele introduz o termo substância gozante, onde ele retorna à unidade vivente do organismo. Para gozar é preciso um corpo, ou seja, Lacan “desliza em direção a outro uso do termo corpo, que algumas vezes designa o organismo vivente individualizado, de certo modo portador ou lugar da substância gozante; isto é, o organismo, no fundo, com um sistema nervoso, com sua sensorialidade, proprioceptiva e exteroceptiva, que condiciona o que se experimenta tanto como prazer quanto como dor” (SOLER, 2019, p.181).

Durante anos Lacan martela que o corpo é um deserto de gozo, porém no final de seu ensino ele introduz um corpo substância gozante, um lugar de

sensações, toda variedade de sensações, quer sejam de prazer ou de dor, ou se mistura de dor-gozos, vários gozos.

O nó borromeano é uma forma de utilizar a noção de enodamento para enlaçar, juntas, consistências autônomas, heterogêneas e equivalentes, o que quer dizer pôr abaixo completamente a tese da regência do simbólico. O nó borromeano é verdadeiramente a refutação de toda a tese clássica.